

NOTA DE IMPRENSA



Sem título (da série Mapas), 2007, Acrílico s/ alumínio, 200 x 200 cm

Marco Pires

White Lies

10 Maio – 9 Junho, 2007

Inauguração Quinta-feira, 10 de Maio às 22h

Visita orientada Sábado 12 de Maio às 17h

Caroline Pagès Gallery

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa

Tel. 21 387 33 76

Tm. 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Horário: Aberto de 2ª a 4ª das 12h às 17h, 5ª e 6ª das 12h às 20h, Sábados das 15h às 20h e por marcação.

White Lies é o título da presente exposição de Marco Pires que anuncia uma nova incidência sobre a realidade, voltando a proporcionar uma experiência perspetiva muito singular. Com base numa pesquisa cartográfica, tendo observado diversos mapas de cidades, o artista progrediu no sentido de reaproveitar essas imagens, intervencionando-as através da pintura.

A sugestão das obras expostas, pinturas acrílicas sobre alumínio e sobre papel, assume-se como resultado de uma investigação conceptual que lança questões em torno da representação que os mapas oferecem; *White Lies* é um conceito referenciado por Mark Monmonier no ensaio *How to Lie with Maps* que traduz a ambiguidade inerente à informação contida num mapa o qual, em prol de uma melhor compreensão dos símbolos e índices que o compõem, deverá abreviar essa mesma informação criando “mentiras necessárias”, tornando-a mais sintética e visual por um lado mas, menos precisa e exacta por outro.

A flexibilidade entre o intrincado conjunto que consiste a realidade e a sua representação, no

contexto da cartografia, estabelece uma relação estreita que, por isso mesmo, só encontra tradução por intermédio da distorção. Não há lugar para pormenores e detalhes quando a visão dessa mesma realidade se pretende clara e objectiva; o sacrifício da informação suprimida, contribuirá no entanto para um melhor funcionamento do mapa que transforma essa informação em características que a permitem conter num registo de parcialidade, tal como a escala e os elementos simbólicos, entre os quais a cor detém um papel fundamental. A determinação de pontos de referência, a par da abstracção que o desenho geométrico confere ao mapa define a sua utilização que, em todo o caso, poderá ter diversos fins. A responsabilidade de gestão dos conteúdos de um mapa é bastante importante não somente em relação à sua finalidade como ainda pelo modo como o reflexo e a comunicação dos aspectos reais são realizados. A cartografia assumida como uma linguagem possui uma estratégia intrínseca que não é estática nem linear, muito pelo contrário, ela projecta-se através de modelos e formas que se ajustam à matriz afirmando a capacidade de produzir diferentes interpretações.

A partir desta óptica, Marco Pires evoluiu ainda para uma outra questão que impõe visões antagónicas: coloca assim em discussão a exactidão científica da geografia com a generalização essencial que a cartografia requer para a sua leitura, ao mesmo tempo que, relativamente à pintura, apresentando-a sob um processo disciplinado, subvertendo cânones ao indagar sobre a própria função pictórica, desvenda em contrapartida as falhas físicas que a tinta deixou sobre a regularidade das linhas. A ideia de que as regras e as ciências têm um lado falível encontra forte motivo de expressão no debate que Marco Pires também acaba por suscitar entre as suas premissas artísticas.

A proposta de Marco Pires assenta na pureza das formas ditada sobretudo pela articulação de linhas em que a construção essencial se projecta a partir de reminiscências arquitectónicas. Do mesmo modo que a perspectiva sustenta regularmente o protagonismo do seu trabalho, procura também enfatizar a importância das linhas estruturantes tanto do ponto de vista esquemático, como da organização pictórica que inculca. Em todo o caso, importa valorizar o recurso ao desenho como elemento estruturador, suporte técnico requisitado à projecção e sobreposição de planos que tem pautado uma faceta do trabalho do artista. Determinadas obras revelam inclusive um diálogo entre aspectos de natureza circundante e elementos arquitectónicos – são apontamentos e impressões definidores de paisagens – que, muito embora vivam de um artifício tridimensional que os autonomiza, não deixam de entrar numa consonância global deveras interessante ao nível formal e conceptual, pondo em questão os domínios da nossa percepção de paisagem.

Em 2001, Marco Pires formou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes em Lisboa. *White Lies* é a sua primeira exposição individual em Lisboa desde 2002. Nos últimos anos, o artista realizou exposições individuais em Coimbra, Guimarães e no Porto entre as quais se destacam *Horizon* (2005) na Galeria Pedro Oliveira e *Magnificare* (2006) na Sala Poste-Ite, da mesma galeria. Em 2006, o trabalho de Marco Pires incluiu a exposição colectiva *Opções & Futuros: Obras da Colecção da Fundação PLMJ*, primeiramente na Arte Contempo em Lisboa e, depois, no Museu Municipal de Faro.

Em 2005, o artista participou na exposição colectiva *Representações da Ciência na Arte Contemporânea*, comissariada por Miguel Amado, no Museu Nacional de Ciência e Técnica de Coimbra, e ainda em *Ariane de Rothschild, II Prémio de Pintura*, que teve lugar no Palácio Galveias, em Lisboa. O seu trabalho faz parte da colecção da Fundação PLMJ em Lisboa, também da Junta de Extremadura em Espanha, bem como de muitas outras colecções privadas em Portugal, Espanha e Holanda.

Rita Santos, Abril 2007
Caroline Pagès Gallery

Para informações e imagens é favor contactar Caroline Pagès ou Rita Santos pelo 21 387 33 76 ou 91 679 56 97 ou para galler@carolinepages.com